



IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

Os guias de viagem, a cartografia e os fundamentos do turismo

Luís Saldanha Martins - lpsm@sapo.pt ;

livros-guia; cartas; viagens; turismo

Autores e/ou editores como Baedeker, Murrey ou O'Shea lançaram ao longo do século XIX, em edições sucessivas e em versões crescentemente apuradas, guias de viagem que seriam transformados em instrumentos basilares do turismo actual. O modelo construído foi transformado num padrão vulgarizado entre as editoras e assimilado pelos viajantes, ou potenciais viajantes, que reconheceram a utilidade destes livros guia na preparação ou no apoio de viagens realizadas, muito em particular, no continente europeu.

Ao longo do século XVIII, de qualquer forma, são já numerosas as publicações disponíveis com conteúdos que variam entre os relatos de viagem e a abordagem geográfica. Constituem obras de registo de conhecimentos, de divulgação de experiências e de apresentação de novos territórios, sobretudo entre a população europeia à procura de notícia de novos mundos.

Uma das principais alterações ocorridas neste período que poderá definir uma clara, ou no mínimo mais expressiva, tendência de evolução destes livros guia manifesta-se através do aumento do número de elementos iconográficos mas também, e sobretudo, da cartografia associada às publicações.

Trata-se antes de mais de uma consequência directa da inovação ocorrida na imprensa, com a tipografia ou a litografia, mas também consequência do acumular de conhecimento através do incremento das viagens ou da mudança social e cultural que permite o alargar do interesse por este tipo de publicações.

Ao longo deste texto, tentar-se-á tornar evidente que a especialização da maioria destes guias incorpora cada vez mais suporte cartográfico, suporte esse que inclui igualmente mudanças de escala, com uma crescente inclusão de cartografia urbana. Depois da representação de algumas das regiões nos primeiros trabalhos publicados vai surgindo a cidade, mais detalhada, e mais numerosa à medida que os guias vão sendo alargados a novos países ou regiões e à medida que os levantamentos vão estando disponíveis.

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

Das antilhas de



A importância dos meios envolvidos será tão significativa que são as editoras com maior expressão no mercado e, por isso, com mais meios que alargam mais rapidamente a inclusão de cartografia, facto que por si só permite inferir da dimensão de meios necessários para ampliar esta vertente dos guias de viagem. Quando comparados com guias «independentes», precisamente uma das características que mais facilmente distingue uns e outros passa pelas diferentes formas de ilustração, com a documentação cartográfica em plano de destaque, mais abundante e diversificada a partir dos projectos editoriais com continuidade.

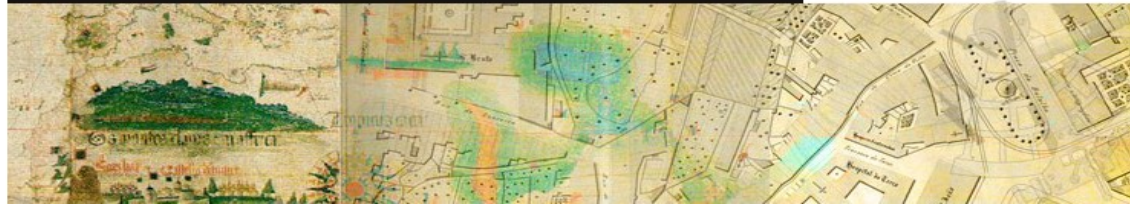
A evolução do século XIX parece, assim, tornar evidente a sofisticação e especialização dos guias de viagem à medida que aumentam as deslocações, que melhora para além da capacidade técnica de produção editorial, antes referida, a velocidade com que deslocam os visitantes.

Dir-se-ia que guias, cartas e viagens, constituem um triângulo incitador e premonitório da actividade turística, numa fase em que a difusão do fenómeno é ainda insuficiente para justificar a utilização da designação turismo. Nestes trabalhos já não estará tão presente o gosto pelo conhecimento do século XVIII, definitivo e respeitável, preparatório inclusivamente do «Grand Tour», mas antes a divulgação de locais a visitar com percursos a realizar, não apenas por uma aristocracia em consolidação do processo de formação, mas antes por europeus em actividades de lazer (ou ócio). Encerra-se o período dos viajantes ilustrados e inicia-se o período dos viajantes românticos despreocupados.

A paz e prosperidade europeias, alicerçam as componentes da mudança a exemplo da velocidade, do arranque de exposições universais ou o culto cosmopolita, enquanto a vontade de conhecer novos mundos amplia um vasto mercado de livros guia que são editados em Londres (Murray e O'Shea) ou em Coblenz, Londres e Paris (Baedeker), sucessivamente mais sofisticados com mais informação e mais especializada, tanto segundo uma perspectiva territorial como temática.

A evolução dos guias não é acidental ou incidental, antes de mais, firma-se num modelo sucessivamente copiado até atingir um padrão estandardizado pelas inúmeras reproduções que aproximam de modo especialmente evidente os formatos das publicações editadas. Estes modelos, com reduzidas excepções, chegaram e contaminaram os guias actuais. Entre as várias alterações que vão sendo registadas torna-se particularmente evidente o aumento do peso da cartografia, em número, diversidade e qualidade da informação disponibilizada, facto que também torna evidente uma existência consolidada entre visitantes – agora turistas – de uma literacia cartográfica que justifica a presença destes documentos. No entanto, é possível antever até pelas transformações mais recentes a que se vem assistindo ao fim anunciado deste fulgurante período de promoção e crescimento dos guias de viagem. Assim, se os guias tem uma existência de bastante mais de dois séculos, se contribuíram fortemente para a difusão da cartografia entre um público mais alargado, para além de quem pudesse ter adquirido formação militar, se continuam pujantes bem como a cartografia que os integra,

**IV SIMPÓSIO
LUSOBRASILEIRO DE
CARTOGRAFIA HISTÓRICA**



também é evidente que foi atingido um limiar de mudança que não permite recuos e que poderá transformar esta cartografia, essencialmente o suporte mais comum em papel, em documentação ultrapassada face ao avanço irrecusável dos suportes digitais.